

LUIZ - MANUEL

CRUEL EUROPA  
MÃE DAS UTOPIAS

(poemas)

*Tous les textes présentés sont sous © en faveur de l'auteur, ou des  
éditeurs, ou des traducteurs.*

Acabados bisonhos vegetamos  
Lá se foram quimeras e enleio  
Tanto amámos e tanto desamamos  
Mas isso é outro canto outro paleio

Nada merece espanto ou decisão  
Desfez-se na memória o vasto império  
Ardemos e acabou-se a combustão  
Como já se acabou todo o mistério

Meio cansados meio distraídos  
Os deuses que nos guiam adormecem  
E ficámos embrulhos mal perdidos  
À espera do achar que as coisas tecem

Não tenhas medo – e se tens compra um cão  
Ou outro bicho estranho que apeteça  
Uma cobra de grande estimação  
Um amante ou um prego sem cabeça

De que serve trancar casa roubada  
Pega num homem escova-lhe o passado  
E dá-lhe tudo e até roupa lavada  
O medo há-de fugir pra outro lado

Há gente que ancorou em portos idos  
E nunca mais as velas fez içar  
Sonhos e barcos meio apodrecidos  
Ali ficam esquecidos ao luar

E os continentes que no mar boiavam  
Ninguém os quis ninguém os foi achar  
Distantes florescia derivavam  
E nós fechados neste marulhar

Vai à Junta pedir o atestado  
Senão por água abaixo o tal abono  
Insiste chora canta-lhes o fado  
Faz tolices de cão que adora o dono

Corta-lhes voltas mais o desvario  
Chega-lhes resmas de papel selado  
Exige o selo branco o selo frio  
E seja o nosso amor bem carimbado

Mas os filhos? De que país serão?  
Norte secreto? Sul das nostalgias?  
Ou pertencem a outra dimensão:  
Cruel Europa mãe das utopias?

“Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa – os quatro se vão  
para onde vai toda a idade.”

\*\*

“A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.”

Fernando Pessoa – MENSAGEM

## Quinto Império

Esse é o nosso destino prometido

A nossa milenária vocação

Quinto Império humilhado e ofendido

A que soem chamar Emigração

Os anos amansaram nossas iras  
Um véu de frustração nos diminui  
A generosa flor dos tempos idos  
Nega-nos fruto e seca jaz em nós

A luz inda buscamos e tão sempre  
É diferente a treva que nos cabe  
Ínfimas claridades nos enleiam  
Mas não demovem o rigor da noite

Da vida nada espera o coração  
Da morte ainda menos – remoendo  
A nostalgia de uma idade de ouro  
A música de um tempo que cessou

Carecemos de estrelas mas sobejam  
Pérfidas utopias sombras vastas  
Ecoam na memória obscuros gritos  
Fechou-se-nos a porta do infinito